

## **Vivência teórico-prática no Ensino do Empreendedorismo para alunos do curso de Administração – Um Relato de Experiência**

### **Theoretical-practical experience in the teaching Entrepreneurship for students of business administration – An experience report**

DOI:10.34117/bjdv7n7-379

Recebimento dos originais: 07/06/2021

Aceitação para publicação: 15/07/2021

#### **Marcos Moura Silva**

Doutor em Biotecnologia - Universidade Ceuma  
Rua Josué Montello, No. 1, Bairro - Renascença II,  
São Luís - MA, 65075-120  
E-mail: marcosmoura\_s@hotmail.com

#### **Tatiana Mendes Bacellar**

Mestre em Administração - Faculdade Pitágoras  
Rua Dep. Raimundo Leal, Cond. Del Fiori, apto 1001, Bloco B,  
São Luís-MA, 65066-635  
E-mail: tmbacellar@gmail.com

#### **Evandro Abreu Figueiredo Filho**

Especialista em Gestão Educacional - Universidade Ceuma  
Rua Josué Montello, No. 1, Bairro - Renascença II,  
São Luís - MA, 65075-120  
E-mail: evandrofilhoteo@yahoo.com.br

#### **Saulo Ribeiro dos Santos**

Doutor em Gestão Urbana - Universidade Federal do Maranhão  
Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga,  
São Luís - MA, 65080-805  
E-mail: saulo.ribeiro@ufma.br

#### **RESUMO**

O empreendedorismo tem sido, ultimamente, objeto de pesquisa e interesse científico. A prática empreendedora torna-se crescente face às dificuldades socioeconômicas que, de certa maneira, reduzem as oportunidades para os que desejam ingressar no mercado de trabalho. Nesse contexto, este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com alunos do curso de Administração de uma Instituição privada de Ensino superior na cidade de São Luís, MA, quanto a vivência teórico-prática no ensino do empreendedorismo. Os percentuais obtidos na pesquisa apontam que, de fato, o desenvolvimento de atividades práticas no contexto da sala de aula, associadas e fundamentadas na literatura influencia sobremaneira no comportamento e nas atitudes dos estudantes, incentivando-os na busca de informações importantes e indispensáveis na construção e formação do indivíduo empreendedor.

#### **Palavras-chave:**

## ABSTRACT

Lately, entrepreneurship has been the object of research and scientific interest. Entrepreneurial practice grows when there are socioeconomic difficulties that reduce opportunities for those who wish to enter the labor market. In this context, this study presents the results of a research carried out with students of the Administration course of a University in the city of São Luís, MA, about the theoretical-practical experience in the teaching of entrepreneurship. The research's percentages indicate that, in fact, the development of practical activities in the context of the classroom, associated and based on the literature influences students' behavior and attitudes, encouraging them in the search for important and indispensable information in the construction and formation of the entrepreneurial individual.

**Key-words:** College education, Entrepreneurship, Administration.

## 1 INTRODUÇÃO

O administrador de empresas contemporâneo vive em meio a um cenário desafiador no que diz respeito a novas oportunidades de negócios. Nesse contexto, a Educação Empreendedora desempenha importante papel, visto que estimula a cultura e a prática de novos padrões de comportamento e de novas competências para o mundo do trabalho, além de categoricamente contribuir para o desenvolvimento econômico e social do país.

No universo acadêmico, a disciplina Empreendedorismo assume papel transformador e revolucionário uma vez que proporciona experiências que vão além de uma aula tradicional e eminentemente teórica. Além disso, com as atividades empreendedoras é possível estimular o corpo discente e torná-los mais preparados para planejar, inovar e assumir riscos com mais possibilidades de sucesso.

Diante desse panorama, considerando que a arte empreendedora vem recebendo inúmeros incentivos, este artigo tem traz a problemática relacionada a entender até que ponto os alunos do curso de Administração consideram-se potencialmente empreendedores? Assim, este estudo apresenta um relato de experiência com o objetivo de identificar a percepção dos alunos do curso de administração no tocante a importância e aplicabilidade da disciplina Empreendedorismo e o quanto esta contribui na formação de empreendedores ou intraempreendedores.

O artigo foi estruturado em quatro seções a partir da introdução. A segunda seção traz o referencial teórico que discorre sobre as especificidades do empreendedorismo, bem como o ensino do empreendedorismo como componente curricular obrigatório. A terceira seção refere-se ao método adotado na pesquisa, na quarta apresenta-se as considerações finais e na sequência as referências.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 EMPREENDEDORISMO: DA TEORIA À PRÁTICA

A importância do empreendedorismo no cenário social e econômico tem propiciado um razoável número de pesquisas sobre o assunto. Dornelas (2008, p.21) afirma que se vive a era do movimento empreendedor. De acordo com ele, empreendedor é todo indivíduo que transforma o universo dos negócios, eliminando barreiras culturais e comerciais, reduzindo distâncias, desenvolvendo novas relações de trabalho e gerando riqueza para a sociedade.

Para Dornelas *apud* Schumpeter (2008, p. 22), é empreendedor todo aquele que de alguma forma “destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços”. Nessa linha, os empreendedores que são bem posicionados no mercado têm como valores iniciais, a missão e a visão bem delineadas com os objetivos do negócio. Além disso, são demasiadamente comprometidos com o contexto do trabalho, consigo e com seus pares. Incentiva e valoriza a equipe, fomentando desafios constantes.

De acordo com a GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*) o Brasil está entre os sete países que mais se destacam quanto a geração de novos negócios. A mesma pesquisa ainda destaca que 36% dos brasileiros já são donos do próprio negócio ou estão realizando algum planejamento nesse sentido (GEM, 2005, p.15). Nessa mesma edição foi constatado que há excelentes expectativas para o futuro, pois houve de 2015 para 2016 um crescimento de 56,5% para 57,4% de abertura de novos empreendimentos no mercado brasileiro.

A análise do ato de empreender que é desenvolvida pelo GEM admite uma visão processual, levando em consideração as inúmeras etapas que caracterizam o fenômeno do empreendedorismo. Dentre essas etapas, pode-se citar algumas mais importantes: a intenção de uma pessoa em iniciar um negócio, o planejamento para a criação, o desenvolvimento e a etapa em que o empreendimento é considerado estabelecido (GEM, 2005, p.18).

Outros aspectos relevantes no contexto empreendedor, são as características sociodemográficas do indivíduo, além das especificidades sociais, políticas e de desenvolvimento (TAPSCOTT, 1999). O autor supracitado ainda destaca que as organizações desfrutam de oportunidades sem precedentes para atuar em novos mercados, onde a competitividade está cada vez mais acirrada. É justamente nessa busca

que as micro e pequenas empresas surgem como uma nova dimensão da competitividade global e pela sua capacidade de gerar emprego (VILLELA, 1994).

O âmbito do empreendedorismo é, na maioria das vezes, definido como aquele que pesquisa sobre os empreendedores, busca seus perfis atuantes, efeitos sociais e os métodos utilizados para a facilitação e atuação no mercado (FILION, 1999). O autor ainda aponta que este estudo envolve o princípio das oportunidades, que vão desde a descoberta, a evolução até a exploração. Com efeito, é possível identificar ao longo do tempo, inúmeros autores que estudam o empreendedorismo sobre diversos ângulos. Os profissionais da economia avançam associando-os com a atitude inovadora, enquanto os comportamentalistas concentram-se nas suas intuições.

Joseph Schumpeter, economista, também vinculou a arte de empreender à inovação. Ele expôs a contribuição dos empreendedores, mercadologicamente, como promotores da riqueza de um país e como aquele que promove mudanças e modelos diferenciais, traduzindo em um processo de “destruição criativa”. Considerou o autor, como elementos que impulsionam e acionam a marcha do motor capitalista, gerando novos produtos e novos métodos de produção, ou seja, revolucionam a estrutura econômica (SCHMPETER, 1982).

Nesse sentido e corroborando com o autor, Filion (1999), acrescenta afirmando que os economistas sempre estiveram, na verdade, interessados na compreensão do papel do empreendedor como força motriz do sistema econômico. Considerando suas perspectivas, o supracitado autor garante que ser empreendedor é estar a frente do seu tempo, ser detentor de oportunidades diferenciadas de negócios, ser criador e assumir riscos calculados.

Já os comportamentalistas se ocupam com características mais intuitivas dos indivíduos empreendedores. Um dos pioneiros desse processo foi Max Weber, que percebeu um conjunto de valores como uma explicação plausível para a conduta empreendedora (FILION, 1999). Contudo o pesquisador acrescenta que quem marcou de fato quanto a explicação do comportamento empreendedor nesse âmbito, foi David McClelland quando elucidou que esse tipo de comportamento é o que exerce o controle sobre uma determinada produção e não apenas aquele que a utiliza para seu crescimento profissional.

Para Drucker (1987) o empreendedor moderno nem sempre é aquele que empreende na prática, quer dizer, nem sempre inicia seu próprio negócio. Ele deve ser nomeado de empreendedor se de fato criar algo que seja inovador, diferente e que

transforme valores mercadológicos. A inovação, na visão deste autor, é uma ferramenta específica do sujeito que é empreendedor, que recria a realidade do seu entorno explorando oportunidades e apresentando produtos e/ou serviços que atendam esse mercado.

Já Morris *et al* (2000), admite que o empreendedorismo pode dar aporte em muitos ambientes e contextos, desde a criação de novos negócios a apenas uma ideia em um ambiente de produção. Para eles o crescimento de organizações consolidadas no mercado pode ser considerado como um ato empreendedor, pois envolve planejamento, ações e riscos. Estas pequenas empresas podem ser desde organizações não lucrativas até as governamentais.

Nessa perspectiva trabalhos mais recentes apontam para a necessidade de se aliar as teorias relacionadas aos conhecimentos gerenciais e a prática empreendedora. Tang, J., Tang, Z. e Cowden, B. J. (2017) indicam que a maioria das pesquisas de orientação empreendedora concentra-se na identificação de fatores contingentes de nível organizacional nos países desenvolvidos. Os autores apresentam um estudo examinando como os valores de auto-aprimoramento e auto-transcendência dos gestores em níveis estratégicos moldam a relação entre educação empreendedora e desempenho, de empresas chinesas estatais e de propriedade não estatal.

Ainda na tentativa de demonstrar o alinhamento entre teoria e prática empreendedora outros trabalhos apontam para a discussão de técnicas de medição em tempo real e retrospectivas dos campos do empreendedorismo, criatividade e gestão da inovação para capturar empiricamente a estrutura organizacional contemporânea. Assim, Vogel (2017) aproveita os insights da literatura sobre criatividade e gestão da inovação para propor uma estrutura que permita rastrear a evolução de um empreendimento desde o primeiro insight até a exploração. Ratificando a importância da relação teórica e prática no universo gerencial.

Welter *et al* (2017) apresenta um ensaio sobre empreendedorismo cotidiano. O trabalho aborda uma chamada para a pesquisa de empreendedorismo para abraçar a diversidade empreendedora. Este ensaio contrasta uma perspectiva que coloca um foco excessivo em empresas de tecnologia e crescimento com uma visão de empreendedorismo que abraça a heterogeneidade. Os autores desafiam a convicção de que apenas certos tipos de empreendimentos podem levar a riqueza e criação de empregos e, além disso, sugerem que esses dois resultados (riqueza e criação de empregos) precisam ser inseridos em um contexto mais amplo de razões, propósitos e valores. Por fim, os

autores sugerem que uma abordagem mais ampla e não discriminatória sobre o que constitui o empreendedorismo levará a uma melhor teoria e a mais insights relevantes.

No Brasil diversos trabalhos têm sido desenvolvidos relacionando a teoria e a prática empreendedora em diferentes áreas de atuação. Neste sentido, Etelvino et al (2007) destaca os empreendedores sociais como indivíduos que convertem assuntos e necessidades sociais em oportunidades de negócios e transformam a prática conhecimento empreendedor. Assim, é fundamental a compreensão do processo de formação do empreendedor social como agente de transformação da sociedade. O trabalho demonstra que a formação do empreendedor social está vinculada aos espaços e contextos de aprendizagem, à trajetória de liderança e à motivação para o espírito empreendedor social, sendo que essas experiências são promovidas pela educação formal e informal.

Esse fato chama a atenção para a necessidade de se avaliar os aspectos formais e informais desta relação teórico-prática em empreendedorismo. Costa et al (2018) avalia esta questão em um estudo de ecossistemas empreendedores no turismo em áreas rurais no Brasil, Portugal e Espanha. O trabalho objetivou a compreensão da importância da atividade empreendedora no desenvolvimento das economias locais. O estudo sugere que um pacote de elementos contribui para o desenvolvimento da atividade empreendedora no turismo rural, como as redes informal e formal, boas infraestruturas de transporte e comunicações e a existência de uma forte cultura empreendedora.

Objetivando trazer contribuições nesse sentido, torna-se imperioso que os cursos de Graduação em Administração estejam em contínuo aperfeiçoamento curricular a fim de capacitar cada vez mais os potenciais empreendedores, bem como apresentar ferramentas gerenciais que propiciem mais habilidade e destreza ao sujeito que deseja empreender. Nesse sentido é fundamental se criar um ambiente favorável para a interação entre os conhecimentos adquiridos nos diferentes componentes curriculares e a prática empreendedora nos mais diversos sentidos.

### **2.1.1 Educação Empreendedora**

A classe empreendedora sempre significou muito para o desenvolvimento e incremento de produtos e ideias. Economicamente, essa classe tem grande representatividade de acordo com Schumpeter (1949). Na visão do autor, é ela que introduz a inovação, elemento crucial para o progresso econômico de uma nação. De fato,

o empreendedor possui características particulares quando se trata de mudanças, crescimento ou mesmo reorganização mercadológica.

Nessa perspectiva, a formação empreendedora é costumeiramente confundida com a instrução em Administração. Na verdade, o objetivo medular da Educação Empreendedora deve ser distinguido da Educação básica em negócios, uma vez que inaugurar uma empresa é bem diferente de gerenciá-la (SALOMON *et al*, 2002). Na visão desses autores, a educação voltada para o empreendedorismo deve estar focada em um pensar criativo e inovador. Deve ser tratada como uma opção de carreira, e, levar o estudante a busca de novas opções financeiras e mudanças vinculadas a cada etapa do negócio.

Notabiliza-se argumentos de que a educação empreendedora deveria iniciar na mais tenra idade, para que culturalmente esses sujeitos já estivessem inseridos no contexto do desafio. Nesse sentido, Dolabela (2003) aponta que há iniciativas interessantes quanto ao norteamento de uma postura empreendedora nos últimos anos. A inserção desses elementos já se encontra nos currículos da educação básica, bem como no ensino superior, seja no universo das públicas ou das instituições privadas. Esses conteúdos são implementados como temas transversais ou mesmo presentes da estrutura curricular.

Além disso Martens e Freitas (2006, p.1) consideram que de maneira abrangente, as Instituições de Ensino Superior, propiciavam, tradicionalmente aos seus discentes, atividades formais para tratar de conceitos empreendedores. Essa dinâmica tem sofrido relevantes alterações no que diz respeito a preparação para o mercado de trabalho. Há de se considerar que o movimento em prol de uma mentalidade diferenciada e renovada passou a constituir as atividades concernentes a disciplinas que tem o assunto como parte do seu escopo.

Na visão de Dolabela (2003, p.130) o empreendedorismo não pode ser difundido no meio acadêmico como um “conhecimento transportável, aplicável universalmente como a álgebra”. Em virtude disso, educar em prol do empreendedorismo fundamenta-se princípios de conexão e cooperação, além da utilização de ferramentas de aprendizagem singulares, tais como as simulações, desde as comportamentais como as técnicas, as conversas e entrevistas com empreendedores e elaboração prática e aplicável do Plano de Negócios.

Na obra *Oficina do Empreendedor*, do autor Fernando Dolabela, desenvolve métodos e técnicas com o intuito de criar um ambiente propício ao desenvolvimento de um mercado aberto ao conceito de produtos e serviços inovadores. Além disso, há o

compartilhamento de atitudes que permeiam a cultura empreendedora entre os que desejam ingressar nesse universo. Dolabela (1999) enfatiza que o professor não é meramente um especialista em apontar respostas e caminhos certos, pelo contrário, cabe a ele formular questionamentos objetivando a provocação e o despertar criativo e analítico.

Dessa maneira, o ato de empreender pode ser incluído em inúmeras disciplinas ou formações, onde o facilitador ou mesmo o docente esteja disposto a desafiar o aprendiz por meio de revolucionários processos didáticos com o objetivo de superar os contratempos, que com certeza se apresentarão no caminho de quem se dispõe a inovar. Do mesmo modo deve estar convicto de que o estabelecimento de vínculos com o mercado, com investidores, garante mais conhecimento, aprendizado e riqueza (DOLABELA, 1999).

Ainda nesse sentido, vale ressaltar que por meio da Educação Empreendedora é possível transformar não somente a vida do jovem, do empresário e de um agente criador de empresas, mas de pessoas que sonham com atitudes e comportamentos diferenciados. Pessoas que tem interesse em contribuir e conviver em harmonia com o outro (MARTINS, 2010). Dessa forma Lopes (2010, p.22) define a aprendizagem empreendedora como um processo reflexivo, dinâmico e de conscientização, que transforma experiência em resultados aprendidos e funcionais.

Nesse contexto, a educação empreendedora torna-se substancial dentro das convicções de uma sociedade justa e inovadora. Em concordância a esse preceito, aflora a necessidade da presença de um professor empreendedor. Um profissional da educação que tenha habilidade no sentido de persuadir seus alunos, guarnecendo-se de uma boa carga de energia, persistência e paixão a fim de construir e permear sonhos (MARTINS, 2010).

Em outras palavras, a aprendizagem voltada para o empreendedorismo incide especialmente na busca incessante por uma educação revitalizada, que não se limite apenas em difundir as características e perfis de um sujeito empreendedor, mas que promovam incentivos capazes de despertar os anseios e encantamentos voltados para a arte de empreender.

Um caminho interessante para essa proposta é a utilização de metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem empreendedora. Estas metodologias aproximam o aluno da prática e conduzem o processo aprendizagem de maneira mais efetiva, pois possibilita ao discente a oportunidade de pensar soluções criativas à luz dos paradigmas



teóricos encontrados na academia e apresentar soluções aos problemas sociais por meio de ideias, negócios e empreendimentos inovadores (URIAS; AZEREDO, 2017).

### **2.1.2 Metodologias Ativas e a Aprendizagem Híbrida**

Desde que os sujeitos nascem, baseados na concretude das situações do dia a dia, eles aprendem ativamente e enfrentam desafios complexos em todos os campos da sua existência; sendo assim, a vida é um mecanismo de aprendizagens ativas que tornam o indivíduo mais experiente para as resoluções de quaisquer aspectos relacionados à sociedade em que esteja inserido. O aprendizado é ativo quando se progride das fases mais simples para as mais complexas (MORAN; BACICH, 2018); nesse ambiente, a metodologia ativa surge como um meio de aquisição de conhecimentos, pois o estudante atua, nesse processo, de forma ativa, ou seja, o educando é o senhor de suas ações educativas, o protagonista na busca pela compreensão de fenômenos que venham a aumentar o seu poder crítico, através de um processo de ensino crítico-reflexivo, haja vista que tal metodologia é marcada por circunstâncias de ensino que aproximam o aluno da realidade por meio de situações-problema. (SOBRAL; CAMPOS, 2012).

Os mecanismos de aprendizagem são variados, múltiplos, formais, informais, híbridos, organizados. O ensino tradicional é um ambiente que traz muitos contributos para o crescimento cognoscitivo do estudante, porém não é o único; outros espaços e maneiras de aprender, de forma mais sedutora e aberta, atendem às necessidades dos sujeitos, e as metodologias ativas se encaixam nesses ambientes. Assim, o educador tem um papel fundamental nesse processo, pois auxiliará o aluno a vencer seus medos, suas angústias, e isso fará com que este alcance patamares mais profundos, ou seja, que ele vá além do que jamais pensou que conseguisse chegar; tal auxílio sempre será alicerçado na motivação, nos questionamentos e nas orientações para novas descobertas, porque, como dito em algumas pesquisas, quanto menos o professor fala e mais orienta, o discente participa de forma ativa e o processo ensino-aprendizagem torna-se mais relevante (DOLAN; COLLINS, 2015).

Diante do mencionado anteriormente, temos duas definições que, para esse assunto, são fundamentais para as mudanças de paradigma no ensino atual: a aprendizagem ativa e a aprendizagem híbrida. A primeira, como dito anteriormente, enfatiza o protagonismo do aluno, isto é, ele participa, reflete e envolve-se diretamente, sob a orientação de um professor, em todas as etapas da aprendizagem; já a segunda definição caracteriza-se, cabalmente, pela flexibilidade, pela mistura do espaço físico e o

seu compartilhamento, pelas atividades, e pelas tecnologias que constituem esse ativo. Falar em hibridismo, nesse novo formato educacional, é perceber uma forte tendência tecnológica, ou seja, baseada no aspecto físico-digital, dentre outros (MORAN; BACICH, 2018).

Em vista disso, na conjuntura atual, voltada para o ensino híbrido, tem-se plataformas, aplicativos e outras ferramentas que contribuem para o avanço dessa metodologia e facilitam o acompanhamento e uma maior personificação dos discentes; tais plataformas monitoram os estudantes de maneira on-line, ou seja, em tempo real, oferecem alternativas e dão oportunidades para cada um estudar sem a presença de um professor, no seu próprio ritmo, até certo ponto, pois, mais na frente, o docente deverá intervir (BACICH; TANZI NETO; TREVISANI, 2015).

As tecnologias digitais são o alicerce para a transformação dinâmica de uma sociedade ávida por mudanças e, também, por um ensino mais criativo e empreendedor. Elas são estruturas para a aquisição de conhecimentos de maneira criativa, empreendedora e crítica sempre que existirem mentes abertas na educação para mudanças e metodologias ativas (PÉREZ GÓMEZ, 2015). Já o ensino híbrido inspira sempre as questões didáticas, pois quando a aprendizagem torna-se personalizada, o papel do docente é modificado, ou seja, ele deixa de ser um mero transmissor de conteúdo para assumir a postura de um gestor, orientador da caminhada do indivíduo rumo ao sucesso (MORAN, 2015).

O ensino híbrido possui como conceito principal ser um programa de educação que possibilita ao educando desenvolver atividades que mesclam tanto as ferramentas on-line quanto a sala de aula tradicional de forma integrada (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013). Percebe-se que os sujeitos não conseguem aprender todos ao mesmo tempo, precisam de momentos e espaços diversos para o alcance pleno dos seus objetivos, daí a proposta do ensino híbrido, ou seja, facilitar o atendimento às várias necessidades de aprendizagem, pois a escola atual não promove uma educação satisfatória, plena cujo ápice é o sucesso do educando (SILVA E SANADA, 2018); sendo assim, o modelo híbrido funcionaria como o alimento para a personalização do ensino, tendo a competência como paradigma (HORN; STAKER, 2015)

Um dos modelos de ensino híbrido é a sala de aula invertida que consiste na acessibilidade prévia dos conteúdos por parte dos discentes, isto é, o educador disponibiliza tais conteúdos, antecipadamente, em um ambiente virtual de aprendizagem (pré-aula); depois haverá a discussão dos materiais na sala de aula

presencial (aula) – essa etapa é o espaço para a atividade ativa e, por último, os estudantes são motivados a estudar, a desenvolver atividades pelas ferramentas on-line (pós-aula) (SANTIAGO; CARVALHO, 2018).

Como exemplos de metodologias ativas, temos: a Aprendizagem Baseada em Problemas (*Problem Based Learning – PBL*) e a *Team Based Learning*, Aprendizagem Baseada em Times – TBL. A primeira tem por escopo, a partir de uma problemática real, deixar que o aluno busque, de maneira individual ou coletiva, uma solução (SIMON *et al.*, 2014). Nesse ambiente, o PBL é efetivado com o intuito de proporcionar aos educandos conteúdos não soltos, mas contextualizados com o ambiente e os conhecimentos prévios adquiridos por eles (MESQUITA; MENESES; RAMOS, 2016). Este tipo de abordagem pode ser explorado de diversas maneiras numa perspectiva de educação empreendedora.

Já a *Team Based Learning* - Aprendizagem Baseada em Times – TBL, tem por fito ensinar os estudantes a evitar conflitos e a serem mais coletivos, cooperativos, pois baseia-se no trabalho em equipe na busca pela resolução de problemas. Os alunos recebem materiais e, a partir deles, após a leitura e a análise discursiva, os professores elaboram questionamentos que serão resolvidos, em sala, pelos estudantes, de maneira individual; logo em seguida estes, agora em grupo, discutem, coletivamente, com o objetivo de trocar ideias e melhorá-las (FARIAS; MARTIN; CRISTO, 2015).

Portanto, o modelo híbrido de ensino e as metodologias ativas, no contexto da aprendizagem, são elementos que servem para alavancar, de maneira mais profunda, o conhecimento do indivíduo, sedento por novas formas de aprender, baseado nas ferramentas digitais e nas vantagens oferecidas por elas. As escolas e universidades, organizadas na sua proposta pedagógica, devem sugerir alternativas que tragam mudanças e adaptações aos propósitos dos seus discentes com a utilização de metodologias ativas, modelos híbridos e tecnologias digitais (MORAN; BACICH, 2018). Incluir tais metodologias ao ensino de administração mostra-se como uma alternativa efetiva à criação de experiências práticas e vivenciais do ecossistema corporativo em sala de aula.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho valeu-se de um estudo de caso de natureza qualitativa do tipo descritiva. Chizzoti (2003, 231) ressalta que as pesquisas qualitativas se inclinam para estudos com questões delimitadas, locais específicos, conhecendo os sujeitos no seu

ambiente natural, bem como suas relações interpessoais vinculadas a determinados contextos sociais.

Na concepção de Ferreira, Ramos e Gimenez (2006) o empreendedorismo é tido como um fenômeno no qual os paradigmas estão em plena construção requerendo uma delimitação enquanto ciência. Dessa forma entende-se que a abordagem qualitativa está adequada para esta investigação.

O universo da pesquisa foram os alunos da disciplina de empreendedorismo de diferentes turnos, do Curso de graduação em Administração de uma Instituição privada de Ensino Superior localizada na cidade de São Luís, estado do Maranhão. A amostra probabilística foi selecionada considerando um erro de amostral 5% a um nível de confiança de 95%. Tendo como critério de seleção a receptividade dos discentes presentes em sala de aula no dia da pesquisa e totalizou 103 (cento e três) estudantes do sétimo período.

O envolvimento dos discentes neste estudo foi na realização de uma atividade nomeada de “Investidores e Empreendedores”, onde os alunos, divididos em dois grupos, de um aluno empreendedores focados em inovação e criação de produtos e serviços que atendessem a comunidade do entorno e do outro lado investidores que, a partir do que fosse ofertado, realizariam aportes financeiros para a concretização e abertura do negócio.

Este estudo de caso possibilitou aos discentes a aplicação dos conteúdos ministrados ao longo da disciplina. Dentre eles destacam-se: habilidades do empreendedor, identificação de oportunidades, fatores críticos de sucesso e mercado propício a abertura de novas possibilidades de negócio. Além da utilização de técnicas e ferramentas apresentadas na literatura.

Na coleta de dados, foi utilizado um questionário elaborado pelos autores contendo questões relativas às impressões concernentes a atividade prática. O instrumento foi aplicado em situação de sala de aula, coletivamente e os alunos concordaram livremente em participar da pesquisa. Os dados foram compilados e armazenados para fins de análise.

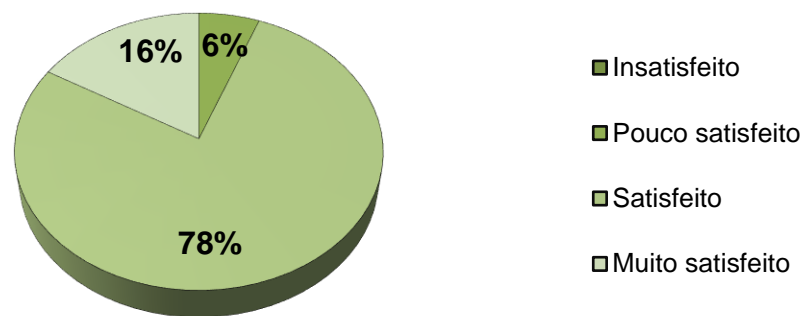
#### **4 RESULTADOS**

Nesta seção são apresentados os dados analisados, fruto da interação com os alunos que participaram e discutiram os conteúdos pertinentes a disciplina Empreendedorismo e realizaram a atividade prática “Empreendedores e Investidores”. O Gráfico 1, a seguir, apresenta o grau de satisfação com a atividade prática.

Verificou-se que um total de 78% dos alunos respondentes aponta para a categoria de satisfeito com a atividade prática. Somando-se aos satisfeitos estão 16% de alunos muito satisfeitos, o que corrobora com Andrade (2009, p. 13) quando afirma que um projeto pedagógico voltado para o empreendedorismo não é uma tarefa fácil, pois carece eminentemente de técnicas e habilidades que estimulem os alunos a pôr em pratica a teoria.

A autora ainda destaca que é necessário organizar uma proposta pedagógica comprometida com o ato de empreender, como também na adoção de estratégias que favoreçam e incentivem posturas tais como: a iniciativa, autovalorização, autonomia, além do sentimento protagonista, de “resolvedor” de problemas, de desenvolvimento de projetos com habilidades e competências diferenciadas (ANDRADE, 2009).

Gráfico 1: Em relação a satisfação com a atividade empreendedores e investidores, como você avalia a prática?

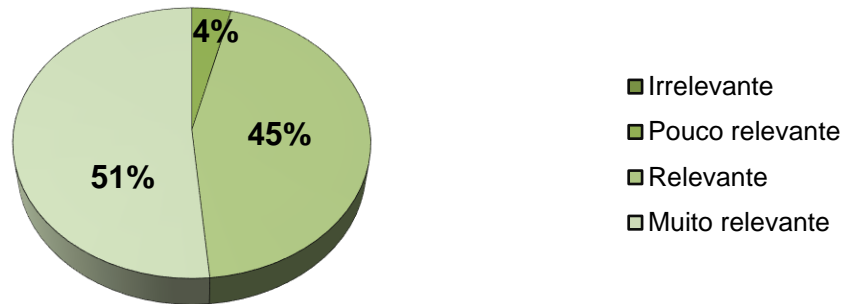


Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à possibilidade de pôr em prática a teoria difundida em sala de aula, conforme demonstrado no gráfico 2, os discentes assinalam 51% como muito relevante, seguido de 45% de relevância. O somatório dos maiores percentuais demonstra que as atividades desenvolvidas influenciam sobremaneira quanto ao desenvolvimento das características que o mercado exige de um empreendedor. Acerca desse ponto, Dolabela (2009, p.49) destaca com propriedade que o autoconhecimento e a praticidade elevam a percepção de habilidades e competências necessárias sobre a construção de categorias empreendedores.

Nota-se que as respostas a essa questão direcionam, de certa forma, para a atuação do professor em sala de aula. Atuação essa que, de acordo com Dolabela (2009) representa a disseminação do empreendedorismo concretizado na formação de atitudes e características específicas para o ato de empreender.

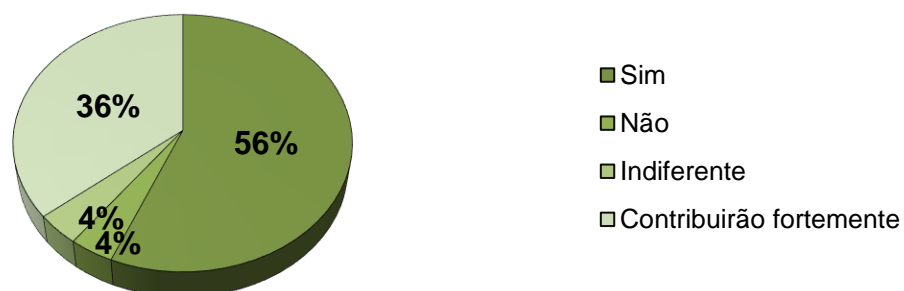
Gráfico 2: em relação a possibilidade de se colocar em prática os conhecimentos adquiridos na teoria, como você avalia a atividade?



Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação as estratégias de aprendizagem e de aplicabilidade como contribuição a formação do perfil empreendedor, os respondentes apontaram, conforme apresentado no Gráfico 3, que de fato elas contribuirão nesse caminho empreendedor. Foram 56% de afirmações, somadas a 36% que ressaltam que contribuirão fortemente. Dessa maneira torna-se imprescindível que o formato e o planejamento das aulas tenham em sua composição elementos práticos para que a mudança de comportamento ocorra em direção a perfis mais empreendedores.

Gráfico 3: em relação as estratégias de aprendizagem desenvolvidas nas atividades práticas. Você considera que elas contribuirão para a formação do seu perfil empreendedor?



Fonte: Elaborado pelos autores

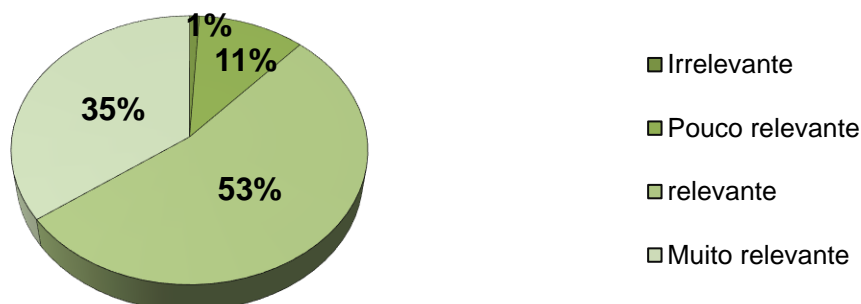
Nesse sentido, Dolabela (2009) contribui afirmando que uma visão provocativa sobre a possibilidade de se ensinar um individuo a empreender, iniciando na transformação de atitudes básicas, é fundamental. De acordo com ele, a não há transmissão de comportamentos inovadores e transformadores, contudo, há sim, por meio

de estímulos, possibilidades de alinhamentos e adoção de novas práticas quando se deseja alcançar resultados diferenciados no mundo empreendedor.

Quanto a possibilidade de vender ideias em forma de produtos e/ou serviços para investidores, os respondentes apontaram que a atividade de fato contribuiu de maneira relevante e muito relevante. Os percentuais, demonstrados no Gráfico 4, assinalam 53% para aquele e 35% para este, demonstrando que de fato a prática possibilitou o desenvolvimento de habilidades no tocante a demonstração e possibilidades de fechamento de um negócio a partir de inovações para o Grupo intitulado de Empreendedores.

Esses resultados encontram-se fundamentados em Antonello e Dutra (2005), onde ressaltam e argumentam que a experiência vivida é um poderoso instrumento de aprendizagem e crescimento profissional e que o desenvolvimento das características empreendedoras pode de fato serem incitadas em contextos de aprendizado.

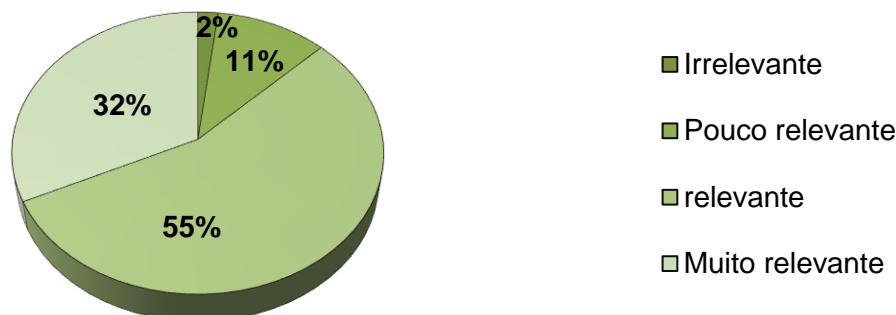
Gráfico 4: quanto à possibilidade de vender a sua ideia para um grupo de investidores fictícios, como você avalia a atividade?



Fonte: Elaborado pelos autores

Quanto a possibilidade de analisar as ideias demonstradas por meio de produtos e/ou serviços apresentados, os respondentes avaliaram a atividade, conforme demonstrada no Gráfico 5, como relevante, na sua maioria. Foram 55%, somados a 32% como muito relevante. Os maiores percentuais mais uma vez apontam que de fato é imprescindível atuar diferenciadamente no campo de estudo do Empreendedorismo. Esse resultado está fundamentado conforme Souza *et al* (2006), onde apontam que desenvolver o perfil empreendedor com atividades relevantes, evidenciando os lados do negócio, ou seja, empreendedores e o mercado consumidor (investidor) é contribuir no desenvolvimento econômico e social de uma nação.

Gráfico 5: Quanto à possibilidade de analisar as ideias de um grupo de empreendedores fictícios, como você avalia a atividade?



Fonte: Elaborado pelos autores

Em síntese, o posicionamento mais considerável dos alunos aponta para uma inserção contínua de atividades que apresentem a prática contextualizada e fundamentada na literatura. Para eles deve-se incluir no exercício pedagógico um maior tempo destinado a realização de estudos que possibilitem vivência na aplicação do ensino, além do desenvolvimento de habilidades relacionais, de comunicação, *networking*, difundidos por meio da percepção do ambiente e adequação de produtos e serviços inovadores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao evidenciar a percepção dos alunos do curso de administração de uma instituição de ensino superior de São Luís-MA, observou-se boa aceitação e satisfação dos alunos da disciplina de Empreendedorismo em participar da atividade. Dessa forma, simular situações hipotéticas do cotidiano empreendedor é fundamental para que se tenha um maior aproveitamento dos conteúdos teóricos.

Tal satisfação foi fruto da possibilidade de se aplicar os conhecimentos adquiridos na teoria. Muitas vezes os conteúdos vinculados à disciplina de Empreendedorismo partem de perspectivas relacionadas à percepção do autor no que se refere aos temas. Esta atividade auxiliou os alunos a enquadrarem seus estudos aos moldes do que o mercado de trabalho e a atuação profissional tem exigidos dos novos empreendedores.

Por fim, o desenvolvimento de competências do perfil empreendedor nos alunos foi o objetivo mais significativo alcançado, inclusive os dados demonstram que as ações praticadas pelos docentes da instituição pesquisada, estimulam os alunos ao empreendedorismo e de certa maneira desenvolvem consciência para com a inovação



social. Acrescenta-se ainda que, de fato, os alunos puderam exercitar e demonstrar técnicas de persuasão, negociação e capacidade criativa, para venderem suas ideias inovadoras de novos negócios aos diferentes públicos de investidores. Por outro lado, habilidades como o senso crítico, capacidade de avaliação e habilidades de apresentar questionamentos foram algumas das competências desenvolvidas pelos alunos na figura dos investidores.

Este trabalho limitou-se a estudar a percepção dos alunos de administração em relação a uma atividade prática desenvolvida em sala de aula. Vale como proposta de trabalhos futuros a possibilidade de realizarem-se estudos como este para as demais atividades nas diferentes disciplinas, não apenas do curso de Administração, mas nos diversos cursos de ensino superior. Sugere-se ainda que mais pesquisas sejam levantadas com o intuito de compreender o exercício da educação empreendedora e o aprendizado sobre o empreendedorismo em outras instituições de ensino superior.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. **Introdução: Empreendedorismo – Um Novo Passo em Educação.** In: ANDRADE, Rosamaria Calaes de. (Org.); ACÚRCIO, Marina Rodrigues Borges. (Coord.). O empreendedorismo na escola. Porto Alegre / Belo Horizonte: Artmed / Rede Pitágoras, 2009.

ANTONELLO, C. S.; DUTRA, M. L. S. Projeto Pedagógico: uma proposta para o desenvolvimento de competências de alunos do curso de Administração, com foco em empreendedorismo. In: XXIX ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2005, Brasília. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. p. 561.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

CHIZZOTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação.** Universidade do Minho, Braga, Portugal, [s.n.], v. 16, n. 2, 2003. p. 221-236.

CHRISTENSEN, C. M.; HORN, M. B.; STAKER, H. **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos.** [S. l: s. n], 2013. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/arquivosUpload/5379833311485520096.pdf>>. Acesso em: 11.04.2019.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor.** São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999a.

\_\_\_\_\_. Fernando. **A vez do sonho: casos em forma de entrevista com empreendedores.** São Paulo: Cultura, 2001.

\_\_\_\_\_. F. **Pedagogia Empreendedora.** São Paulo: Editora de Cultura, 2003

\_\_\_\_\_. F. **Quero construir minha história.** Rio de Janeiro: sextante, 2009.

DOLAN, E. L.; COLLINS, J. P. **We must teach more effectively: here are four ways to get started.** *Molecular Biology of the Cell*, v. 26, n. 12, 2015. Disponível em: <<http://www.molbiolcell.org/content/26/12/2151.full>>. Acesso em: 12.04.2019.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso: 2ª ed.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 2005.

\_\_\_\_\_, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios.** São Paulo: Pioneira, 1987.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **Empreendedorismo no Brasil: Sumário Executivo.** Curitiba: SEBRAE, 2016.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação.** Porto Alegre: Penso, 2015.

ITELVINO, Lucimar da Silva et al . Formação do empreendedor social e a educação formal e não formal: um estudo a partir de narrativas de história de vida. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 26, n. 99, p. 471-504, June 2018 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362018000200471&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362018000200471&lng=en&nrm=iso)>. access on 20 Oct. 2018. Epub Mar 05, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362018002600960>.

LOPES, R. M. (Org.). **Educação Empreendedora: conceitos, modelos e práticas**. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

FARIAS, Pablo Antônio Maia de; MARTIN, Ana Luiza de Aguiar Rocha; CRISTO, Cinthia Sampaio. Aprendizagem Ativa na Educação em Saúde: percurso histórico e aplicações. **Rev. bras. educ. med.** [online], 2015.

FERREIRA, J. M.; RAMOS, S. C.; GIMENEZ, F. A. P. Estudo comparativo das práticas didático-pedagógicas do ensino de empreendedorismo em universidades brasileiras e norteamericanas. **Revista Alcance** – Univali, v. 13, n.2, p. 207 – 225, maio/ago 2006. Disponível em: < <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/ra/article/viewFile/161/133>>. Acesso em: 17 março 2018.

FILION L. J. O planejamento de seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: FGV, jul/set, 1991, pp 31(3): 63-71.

\_\_\_\_\_. L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, RAUSP. São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05-28, abr/jun 1999.

Friederike Welter, Ted Baker, David B. Audretsch, and William B. Gartner. Everyday Entrepreneurship—A Call for Entrepreneurship Research to Embrace Entrepreneurial Diversity. *Entrepreneurship Theory and Practice* Vol 41, Issue 3, pp. 311 – 321 First Published December 5, 2017  
<https://doi.org/10.1111/etap.12258>

MARTINS, S. N. Educação empreendedora transformando o ensino superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores. 2010. 171 f. **Tese** (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARTENS, C. D. P.; FREITAS, H. A Influência do Ensino de Empreendedorismo nas Intenções de Direcionamento Profissional dos Estudantes de Curso Superior: uma Avaliação a partir da Percepção dos Alunos. SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA – ANPAD, 24, 2006, Gramado. **Anais**. Rio de Janeiro, 2006.

MESQUITA, S. K. da Costa, MENESES, R. M. Viana. RAMOS, D. K. R. **Metodologias ativas de ensino/aprendizagem**: dificuldades de docentes de um curso de enfermagem. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14 n. 2, p. 473-486, maio/ago. 2016. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/tes/v14n2/1678-1007-tes-1981-7746-sip00114.pdf>. Acessado em: 11.04.2019

MORAN, José; BACICH, Lilian (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. São Paulo: Editora Penso, 2018.

MORAN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In: *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. 2015. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf)>.

Acesso em: 11.04. 2019.

MORRIS, M. H.; ZAHRA, S. A. and SCHINDEHUTTE, M. Understanding factors that trigger entrepreneurial behavior in established companies. In: **Entrepreneurship and economic growth in the american economy**. Tuscon: G. D. Libecap. 2000.[on line] disponível na Internet. <<http://www.robinson.gsu.edu/rec/papers/paper11.doc>> - acessado em 13 de março de 2018.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Educação na era digital**: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

SANTIAGO, Sônia Aparecida; CARVALHO, Hernandes F. Estratégia de ensino: aprenda em sala de aula. **Revista de ensino de Bioquímica**: Campinas, 2018.

SCHUMPETER, J. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SILVA, Ivaneide Dantas da; SANADA, Elisabeth dos Reis. Procedimentos metodológicos nas salas de aula do curso de Pedagogia: experiências de ensino híbrido. São Paulo: Editora Penso, 2018.

SIMON, E. JEZINE, E. VASCONCELOS, E.M. RIBEIRO, K.S.Q.S. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem e educação popular: encontros e desencontros no contexto da formação dos profissionais de saúde. *Interface (Botucatu)*. 2014; 18 Supl 2:1355-1364. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v18s2/1807-5762-icse-18-s2-1355.pdf>. Acessado em: 12.04.2019

SOBRAL, F. R.; CAMPOS, C. J. G. Utilização de metodologia ativa no ensino e assistência de enfermagem na produção nacional: revisão integrativa. *Rev Esc Enferm, USP*: 2012; 46(1):208-18. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reecusp/v46n1/v46n1a28.pdf>. Acessado em: 12.04.2019.

SOLOMON, G. T.; DUFFY, S. e TARABISHY, A. The State of Entrepreneurship Education in the United States: A Nationwide Survey and Analysis. **International Journal of Entrepreneurship Education** 1(1): 1-22, 2002

SOUZA, E. C. L.; *et al.* **Métodos, técnicas e recursos didáticos de ensino do empreendedorismo em IES brasileiras**. In: SOUZA, E. C. L.; GUIMARÃES, T. A. (Orgs.) *Empreendedorismo além do plano de negócio*. São Paulo: Atlas: 2006.

Tang, J. , Tang, Z. and Cowden, B. J. (2017), Exploring the Relationship Between Entrepreneurial Orientation, CEO Dual Values, and SME Performance in State-Owned vs. Nonstate-Owned Enterprises in China. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 41: 883-908. doi:[10.1111/etap.12235](https://doi.org/10.1111/etap.12235)

TAPSCOTT, D. **Economia digital**. São Paulo: Makron Books, 1999.

Teresa Costa, Simone Vasconcelos Ribeiro Galina, Maria Isabel Sanches-Hernandez  
Ecosistema empreendedor no turismo em espaço rural: casos de Portugal, Brasil e  
Espanha Caderno Virtual de Turismo – Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.149-169, abr. 2018

VILLELA, A. **As micro, pequenas e médias empresas**. Textos para Discussão. BNDES.  
Rio de Janeiro, 1994.

Vogel, P. (2017), From Venture Idea to Venture Opportunity. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 41: 943-971. doi:[10.1111/etap.12234](https://doi.org/10.1111/etap.12234)